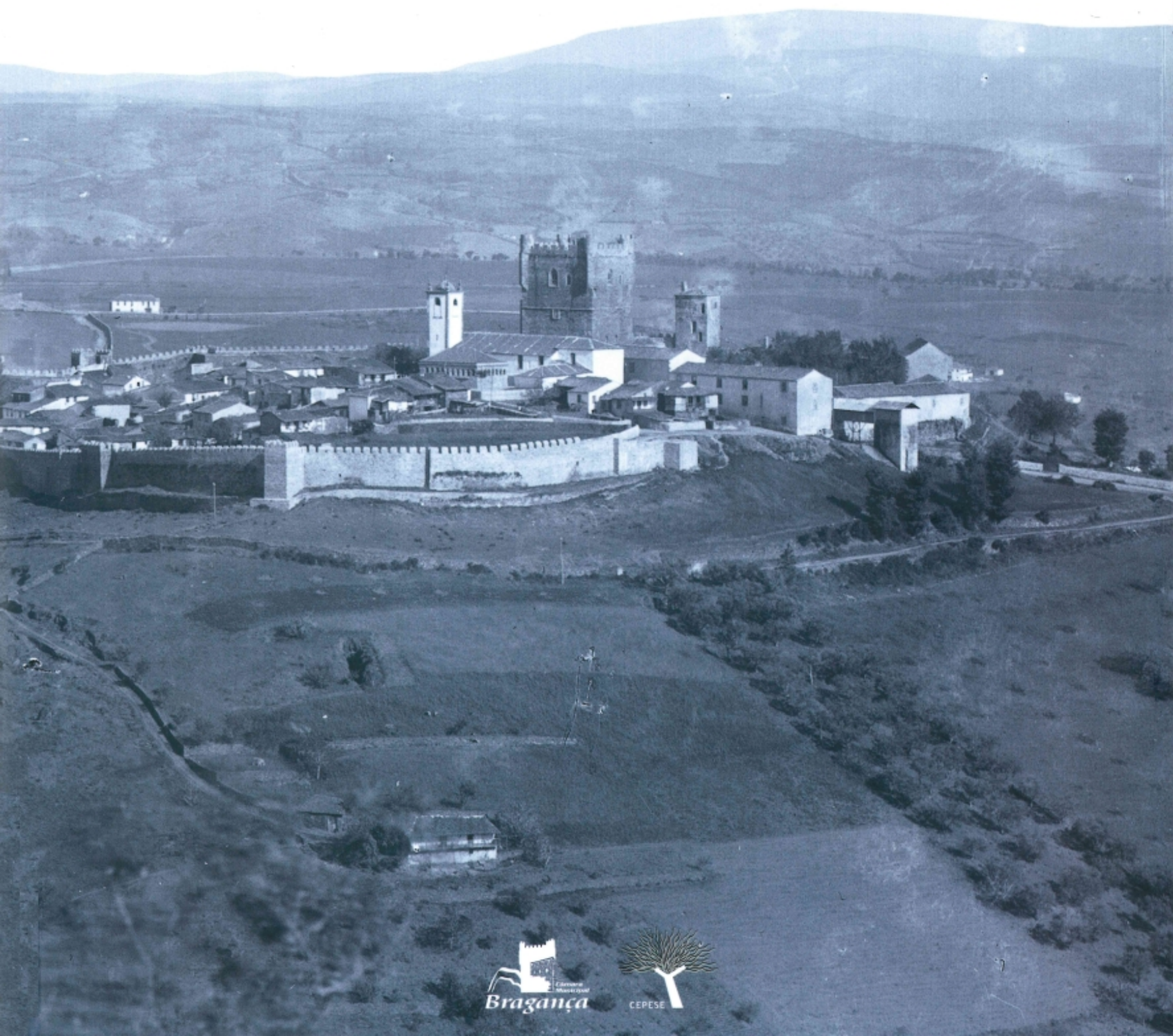


BRAGANÇA

NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA (1820-2012)

FERNANDO DE SOUSA (COORDENAÇÃO)

VOLUME 1



BRAGANÇA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

(1820-2012)

VOLUME 1



BRAGANÇA

NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA (1820-2012)

FERNANDO DE SOUSA (COORDENAÇÃO)

ADÉRITO BRANCO ANTÓNIO JORGE NUNES BRUNO RODRIGUES CARLOS AGUIAR CÁTIA FERREIRA CÉSAR URBINO DIANA VILA
POUCA DIOGO FERREIRA FERNANDO DE SOUSA FRANCISCO CEPEDA HENRIQUE FERREIRA JOANA MARTINS JOAQUIM JAIME B.
FERREIRA-ALVES JOSÉ MONTEIRO LUÍS ALEXANDRE RODRIGUES MARIA DA CONCEIÇÃO SALGADO MARIA DA GRAÇA MARTINS
MARIA JOÃO GUARDADO MOREIRA NATÁLIA MARINHO FERREIRA-ALVES NUNO MATIAS PAULA BARROS PAULO AMORIM
RICARDO ROCHA ROSA CADIME SÓNIA NEVES VIRGINIA MARTÍN JIMÉNEZ

VOLUME 1



FICHA TÉCNICA

Título: Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)

Edição: Câmara Municipal de Bragança

Investigação: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

Coordenação: Fernando de Sousa

Autores: Adérito Branco, António Jorge Nunes, Bruno Rodrigues, Carlos Aguiar, Cátia Ferreira, César Urbino, Diana Vila Pouca, Diogo Ferreira, Fernando de Sousa, Francisco Cepeda, Henrique Ferreira, Joana Martins, Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves, José Monteiro, Luís Alexandre Rodrigues, Maria da Conceição Salgado, Maria da Graça Martins, Maria João Guardado Moreira, Natália Marinho Ferreira-Alves, Nuno Matias, Paula Barros, Paulo Amorim, Ricardo Rocha, Rosa Cadime, Sónia Neves, Virginia Martín Jiménez

Revisão: Ricardo Rocha

Tradução: Ricardo Rocha, Virginia Martín Jiménez

Design Gráfico: José Miguel S. Reis

Impressão e Acabamento: Bringráfica, Indústrias Gráficas, Lda, Bragança

ISBN: 978-989-8344-25-0

Depósito legal: 362442/13

1.ª Edição: julho, 2013

Câmara Municipal de Bragança

Forte S. João de Deus

5300-263 Bragança

Tel.: 273 304 200

Fax: 273 304 299

Url: www.cm-braganca.pt

CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

Edifício CEPESE

Rua do Campo Alegre, 1021

4169-004 Porto

Tel.: 226 073 770

Fax: 226 073 778

E-mail: cepese@cepese.pt

Url: www.cepese.pt

O CEPESE é co-financiado por:



© Todos os direitos de autor reservados ao CEPESE

Créditos fotográficos

Câmara Municipal de Bragança, exceto: Biblioteca Nacional (310, 353, 358, 363 [fundo], 369, 390, 556, 561, 569); *Boletim Amigos de Bragança* (157, 207, 223, 225, 227, 231, 244, 263, 273, 286, 289, 290, 292, 311, 382, 385, 404, 408, 412, 433, 438, 517, 534, 594, 601, 604, 617, 618, 629, 630, 640, 671); *Espólio Fotográfico Português* (sobrecapa, 8, 20, 34, 52, 182, 316 [topo], 322, 850); Fundação «Os nossos Livros» (42, 85, 111, 112, 192, 246, 250, 253, 254, 259, 267, 283, 284, 288, 307, 328, 329, 330, 341, 402, 574, 636, 649 [topo], 652, 653, 654, 657, 668, 673, 680, 687, 689, 719, 790, 793); *Ilustração Trasmontana* (66, 598, 599); *Seminário de São José* (397); Carlos Aguiar (17, 22, 23, 24, 27, 28, 30); Diana Vila Pouca (177, 308, 363 [topo], 378, 392, 406, 415, 431, 434, 439, 440, 626, 638, 639, 650, 651, 681, 688, 725, 741, 744, 745, 747 [dir.], 757, 769, 770, 771, 772, 844, 860); Fernando Galhano (82, 83, 90, 98, 186, 187, 191, 300, 684, 801); Henrique Ferreira (414, 416 [topo], 419, 420, 422, 429); Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves (360, 367, 743, 747 [esq.], 763, 766, 773, 775, 776, 777, 782); José Miguel Reis (215, 245, 409, 416 [fundo], 441, 633, 706, 716, 749, 750, 755, 756, 760, 762, 765, 767, 768, 779, 784, 831); Luís Alexandre Rodrigues (202, 301, 313, 410, 430, 646, 649 [fundo], 665, 691, 703, 723, 746, 761, 764); Margarida Mariz (238, 631); Maria Amélia Melo (742); Natália Marinho Ferreira-Alves (778); Ricardo Rocha (498, 822)

ÍNDICE

VOLUME 1

Introdução	9
1. A paisagem rural de Bragança (séculos XIX e XX)	15
2. O Município de Bragança. Evolução administrativa e organização do poder municipal (1820-2012)	33
3. As estruturas e comportamentos demográficos de Bragança (1820-2012)	53
4. As estruturas económicas de Bragança e a sua lenta transformação (1820-2012)	71
5. Sociedade e quotidianos da Bragança Contemporânea.....	183
6. O clero e a Igreja em Bragança (1820-2012).....	309
7. A presença militar em Bragança (1820-2012).....	323
8. Bragança e os Braganças: elementos para a história do cerimonial público em Bragança (1816-1910)	349
9. Educação e cultura em Bragança (1820-2012).....	379
Notas	446
<i>Índice Geral</i>	459

VOLUME 2

10. A imprensa periódica de Bragança (1820-2012)	471
11. Acontecimentos políticos e elites políticas na Bragança Contemporânea.....	557
12. As transformações do espaço urbano da Bragança Contemporânea.....	635
13. As relações de Bragança com Espanha (1820-2012)	785
14. Os desafios de Bragança na transição e início de milénio – ruturas e continuidades.....	823
Conclusão	851
Notas	854
Cronologia	861
Fontes e Bibliografia	905
<i>Abstract</i>	920
<i>Resumen</i>	922
<i>Notas sobre os Autores</i>	924
<i>Índice dos Quadros, Gráficos e Figuras</i>	930
<i>Índice Analítico</i>	934
<i>Índice Geral</i>	947

BRAGANÇA CONTEMPORÂNEA



Assumimos, no final do ano de 1997, o compromisso político de, logo que assumidas responsabilidades na gestão do Município, o que ocorreu a 6 de janeiro de 1998, garantir todo o empenho na execução de políticas que contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos cidadãos, para um futuro melhor e mais sustentável de Bragança. Nessa orientação assumiu especial destaque a política cultural, sabendo que, com um melhor conhecimento do passado, construiríamos um futuro melhor, honrando os valores de anteriores gerações, transmitindo esperança e confiança aos mais jovens.

Assim, orientámos muito tempo e enormes recursos, como nunca antes aconteceu, para o estudo nos arquivos, nas bibliotecas, para o trabalho de investigação associado a escavações arqueológicas quando das obras de requalificação do centro histórico da Cidade e de reabilitação de diversos edifícios públicos e privados e também em locais específicos do Concelho, como Castro de Avelãs. Tal como o conhecimento proveniente da inovação tecnológica é essencial ao presente e ao futuro, também a memória associada ao conhecimento sobre o passado é fonte inesgotável e fundamental para o bom e justo governo dos povos.

Quisemos valorizar a História de Bragança, uma das mais antigas cidades do País, compreender a importância histórica desta terra que, desde o início do Reino, marcou a História do País, aprofundar a razão de ser própria de Bragança, alcançar novos patamares de conhecimento sobre o percurso dos povos que, ao longo de milhares de anos, habitaram nestas terras e nos transmitiram um valioso legado histórico que nos obrigámos a preservar e acrescentar, usando o nosso melhor saber e inteligência.

Nos últimos dezasseis anos, o Município apoiou a edição de diversas obras, editando cerca de quarenta livros, a maioria em resultado de projetos de investigação em que investiu mais de um milhão de euros, com realce para a reedição da obra do Abade de Baçal, após revisão científica, e a Bibliografia do Distrito de Bragança. Esta atitude e concretização do Município rompeu com uma certa apatia e pouco valor atribuído à produção literária e que, agora, recomenda novos desenvolvimentos, em ordem a, de forma coerente, continuar um percurso de conhecimento e aprofundamento da História de Bragança.

Neste sentido, a presente obra, como primeiro grande trabalho de investigação sobre a História Contemporânea de Bragança, não só abre novos desafios para investigações específicas neste período muito particular da História, mas também se deixa perceber como necessária e essencial para períodos anteriores, onde a investigação e os trabalhos de arqueologia nos possam conduzir.

Seguramente, continuaremos a encontrar realizações surpreendentes que nos darão mais ânimo e confiança no futuro. Como escrevi no meu primeiro manifesto de campanha eleitoral, “com o passado construímos o futuro”.

António Jorge Nunes

Presidente da Câmara Municipal de Bragança



INTRODUÇÃO

Porque o nosso passado e mesmo os tempos recentes não têm sido estudados com afinco, em todas as suas facetas, com isenção, sem preocupações de agradar ou medo de desagradar, e sem evitar o que nos desagrada, é que hoje nos sentimos tão desorientados, sem saber que chão pisamos.

(Vitorino Magalhães Godinho, *Revista de História Económica e Social*, 1978)

Em 1900, Albino Lopo, na sua obra *Bragança e Benquerença*, dizia que “não tem esta Cidade uma história”. A constatação deste autor ainda hoje se mantém atual. Com efeito, mais de um século passado, a capital do Nordeste Trasmontano ainda não tinha a sua História.

Foi tendo em consideração tal realidade que a Câmara Municipal de Bragança abriu um concurso, em 2010, para a produção de uma História de Bragança na Época Contemporânea – desde a Revolução Liberal do Porto, de 1820, até ao presente –, concurso que acabou por atribuir esse trabalho ao CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Foi assim que este Centro de Investigação desenvolveu um Projeto nos últimos dois anos, que lhe permitiu dar agora à estampa a obra *Bragança na Época Contemporânea*, cujo objetivo é o de servir de introdução à História de Bragança e do seu Município nos séculos XIX e XX, uma vez que a Bragança que nós conhecemos nos nossos dias constitui o produto final de uma multissecular História que remonta à Alta Idade Média, mas cuja estrutura administrativa, cultural, social e económica foi moldada basicamente após a Revolução Liberal de 1820.

Ora, do rico e complexo passado dos últimos 200 anos desta Cidade do Nordeste Trasmontano, pouco se conhecia. É certo que Francisco Manuel Alves, na sua monumental obra, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (1909-1947), em 11 volumes sucessivamente reeditados até ao presente, nos dá significativos contributos para conhecer o passado recente de Bragança, mas embora muito meritória, misto de publicação de fontes de resumo ou transcrição de textos já publicados e de alguma elaboração própria, está longe de nos fornecer uma história crítica, rigorosa, metódica do Município de Bragança na Época Contemporânea. Aliás, nem era esse o seu objetivo...

Contudo, o trabalho do Abade de Baçal, para o bem e para o mal, marcou de forma irreversível a historiografia sobre Bragança e o seu Distrito, poucos se atrevendo a criticá-lo ou a ultrapassá-lo, uma vez que, como um doutorado bragançano, nosso ex-aluno, nos dizia, o “abade já tratou de tudo”. É evidente que não tratou, como Vergílio Taborda, contemporâneo de Francisco Manuel Alves, apesar de geógrafo, demonstrou no seu excelente *Alto Trás-os-Montes* em 1932, assim como José de Castro, que, logo a seguir, entre 1946-1951, escreveu uma exaustiva história da Diocese de *Bragança e Miranda*, em quatro volumes, bem mais profunda e estruturada sob o ponto de vista metodológico do que as *Memórias Arqueológico-Históricas*. A obra de Francisco Manuel Alves, porém, pelo seu caráter pioneiro, pela transcrição de centenas de fontes históricas, pela multiplicidade dos temas que aborda, pela erudição que revela, pelas interrogações que levanta, pelo estudo e valorização permanente do património de Bragança e seu Distrito, continua a ser uma referência imprescindível para todos aqueles que, desde a arqueologia e antropologia até à sociologia e história, se preocupam com o passado desta região.

Obra pioneira, sem dúvida, uma vez que, durante o século XIX, pouco se escreveu de relevante quanto a Bragança e ao seu Município.

Nos anos de 1838-1839, a Junta Geral do Distrito de Bragança publicitou as suas atas no *Diário do Governo*, que nos fornecem uma contribuição importante para o conhecimento de Bragança e seu Distrito aos mais diversos níveis.

Em 1839, António Ferreira de Macedo Pinto deixou-nos, nos *Anais do Conselho de Saúde Pública do Reino*, uma *Topografia médica de Bragança* e do seu Distrito, que nos dá uma concisa mas preciosa informação sobre a Cidade, nos planos cultural, social e económico.

Ainda para o século XIX, temos as *Consultas da Junta Geral do Distrito de Bragança*, publicadas irregularmente entre 1842-1866; alguns *Relatórios do Governo Civil do Distrito Administrativo de Bragança*, inseridos nos *Relatórios sobre o Estado da Administração Pública nos Distritos Administrativos do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes (1845-1865)*; na *Coleção dos Relatórios das Visitas Feitas aos Distritos pelos Respetivos Governadores Civis (1868)*; e os *Relatórios apresentados à Junta Geral do Distrito de Bragança* pelos seus governadores civis (1871, 1873 e 1875-1877).

Em 1878, o Conselho da Agricultura do Distrito de Bragança editou os excelentes *Anais Agrícolas do Distrito de Bragança*, que, infelizmente, não tiveram continuidade.

No ano de 1889, o *Boletim da Direção Geral de Agricultura* publica, de Agostinho Correia Pereira, um exaustivo relatório quanto à Terra Fria Trasmontana, que nos fornece um panorama económico da região na qual Bragança se insere, o qual só irá ser ultrapassado por Vergílio Taborde, no seu *Alto Trás-os-Montes*, em 1932.

Em 1898-1899, aparece-nos o primeiro trabalho exclusivamente dedicado a Bragança, de Albino dos Santos Pereira Lopo, intitulado *Bragança e Benquerença*, mas que não se debruça sobre o Município na Época Contemporânea, a não ser para dar uma ou outra informação sobre as unidades militares aí instaladas.

Em 1908, surgiu a *Ilustração Trasmontana*, a melhor revista que se publicou até hoje sobre Trás-os-Montes, quer sob o ponto de vista gráfico, quer a nível literário e científico, a qual fornece informações úteis para a História de Bragança.

Finalmente, em 1920, o Governador Civil de Bragança, Carlos Alves, na sua *Propaganda Regional do Distrito de Bragança*, dá-nos um criterioso texto sobre a Cidade e o seu Distrito na Primeira República.

Em síntese, desde a sua criação em 1835, a entidade administrativa “Distrito”, a Região da Terra Fria, ou Trás-os-Montes, configuraram tudo quanto se escreveu de relevante sobre Bragança, não sendo pois de admirar que a obra de Francisco Manuel Alves mantivesse o quadro distrital e não municipal.

A única exceção, aliás bem útil, quanto à História da Bragança Contemporânea foram as *Notas e Documentos para a história dos destinos de Bragança*, de Eduardo Carvalho, publicadas em 1966, e que revelam um homem de grande cultura preocupado com a história de Bragança no século XX... mas também com a censura então existente.

Nos últimos tempos, porém, muita coisa mudou. Desde logo, a partir de 1981, com a revista *Brigantia*, dirigida pelo saudoso Belarmino Afonso, a qual veio até aos nossos dias, e que, apesar de uma ou outra colaboração pouco original, dá alguns contributos notáveis para a história de Bragança no período que investigamos.

Hirondino Fernandes, entre 1993-1996, no domínio das fontes e bibliografia de Bragança e seu Distrito, publicou, em quatro volumes, um importantíssimo e minucioso trabalho, a *Bibliografia do Distrito de Bragança*, imprescindível para todos aqueles que se debruçarem sobre a história daquele Cidade e do Nordeste Trasmontano. Estudo esse retomado pelo seu autor em 2012, numa perspetiva mais sistemática, exaustiva e inovadora, mantendo o mesmo título, numa obra monumental prevista para dez volumes (o número simbólico das *Memórias* de Francisco Manuel Alves), dos quais estão já publicados sete.

Em 1997, João Jacob deu publicidade à sua *Bragança*, um guia histórico-cultural da Cidade.

Mais recentemente, em 2004, a Bragança Polis editou *Bragança. Um olhar sobre a Cidade*. Neste mesmo ano, Armando Fernandes e Alexandre Rodrigues escreveram a *Monografia das freguesias do Concelho de Bragança*, e surgiram ainda mais duas obras, *Os Presidentes da Câmara de Bragança. Da República aos nossos dias*, de Alda Berenguel, Fernando Freixo e Alexandre Rodrigues; e sob a coordenação de Armando Fernandes, *Contrastes e transformações na Cidade de Bragança, 1974-2004*.

Em 2006, Fernando de Sousa lançou uma *História da Indústria das Sedas em Trás-os-Montes*, em dois volumes, na qual Bragança ocupa justamente lugar de relevo como seu principal centro industrial.

Em 2007, coordenado por Armando Fernandes, apareceu *Bragança marca a História. A História marca Bragança*. Em 2010, João Manuel Neto Jacob e Vítor Simões Alves publicaram *Bragança. Roteiro Republicanos*. E em 2012, Fernando de Sousa e Ricardo Rocha disponibilizaram em www.cepese.pt, *Os Governadores Civis de Bragança (1835-2011)*.

Finalmente, não podemos deixar de referir cinco investigadores bragançanos que, em múltiplos estudos, têm fornecido importantes contributos para a História da Bragança Contemporânea: Alexandre Rodrigues na arte e património; Francisco Cepeda na economia e nas relações da Cidade com Espanha; José Monteiro quanto à sociedade; Henrique Ferreira na educação das últimas décadas; e Maria da Graça Martins nas relações do Nordeste Trasmontano com Castela-Leão, todos eles colaboradores desta *Bragança na Época Contemporânea*, que agora se dá a lume.

Quanto ao coordenador deste trabalho, a verdade é que há quatro décadas dedica boa parte da sua investigação a Trás-os-Montes e a Bragança, para já não falar dos estudos que, direta ou indiretamente, sugeriu, acompanhou ou orientou a numerosos colegas e discípulos. Não tem sido uma investigação continuada, sistemática, visando um trabalho de natureza académica, uma vez que, ao longo do tempo, recebeu propostas para outros trabalhos igualmente aliciantes, e por outro lado, desempenhou funções cívicas e políticas que o absorveram, durante muitos anos, de modo quase exclusivo.

Mas, desde que em 1971, terminado o curso de História, iniciámos a nossa tese de licenciatura – obrigatória para obter aquele grau e poder exercer funções de assistente universitário –, subordinada ao tema *Trás-os-Montes, Subsídios para a sua história em finais do século XVIII*, a qual foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1973, Trás-os-Montes sempre continuou presente, afetiva e intelectualmente, nas nossas preocupações, nos nossos interesses, nos nossos horizontes, com uma paixão continuamente alimentada pelas numerosas publicações que fomos produzindo sobre a região mais autêntica e sublime de Portugal, e particularmente sobre Bragança, singelos contributos para a compreensão da sua história que, pela sua riqueza e complexidade mas também pela própria condição humana, sempre permanecerá como uma construção inacabada.

Seja como for, o que se investigou e publicou, assim, até ao momento, ultrapassou já, largamente, o quadro geral esboçado por Francisco Manuel Alves há várias décadas. Mas mostrava-se manifestamente insuficiente para conhecermos a História de Bragança e do seu Município nos séculos XIX e XX.

No puzzle da História de Bragança e seu Município na Época Contemporânea continuavam a faltar numerosas e importantes peças, imprescindíveis para a sua reconstituição e inteligibilidade, e para nos fornecer, assim, uma visão integradora da sua evolução a partir da Revolução Liberal do Porto, de 1820.

Para dar um contributo substancial ao conhecimento do passado recente de Bragança, e sob alguns aspetos definitivo, o CEPESE reuniu uma equipa constituída pelos historiadores e investigadores que mais se têm debruçado sobre a história de Bragança na época em questão, equipa esta que se deparou com problemas não negligenciáveis para cumprir com êxito a missão que assumiu.

Em primeiro lugar, a pobreza das fontes e da própria bibliografia existentes para a História de Bragança Contemporânea, o que obrigou a uma pesquisa demorada e nem sempre compensadora para se encontrar a informação pretendida, quer em arquivos locais e nacionais, quer na Biblioteca Nacional. A título de exemplo, a consulta dos jornais de Bragança revelou-se confrangedora, uma vez que as coleções existentes nas Biblioteca Nacional, Biblioteca Municipal do Porto e nas instituições culturais de Bragança, além de muito incompletas, estão indisponíveis, a começar pela coleção existente no Museu Abade de Baçal, em Bragança, que se encontra em processo de digitalização, logo, não consultável. Idêntica situação se verificou com os livros dos acórdãos e atas da Câmara da primeira metade do século XIX, que apresentam numerosas lacunas.

Em segundo lugar, o facto de muitas das fontes de que dispomos, sobretudo do século XIX, como já evidenciámos, terem como quadro de referência o Distrito e, por vezes, a Terra Fria, e não o Concelho, levantando assim a questão de se saber até que ponto é possível extrapolar para Bragança a realidade socioeconómica captada nos inquéritos, relatórios, memórias e correspondência distrital.

Por outro lado, a informação quantitativa que eventualmente exista quanto à economia do Concelho de Bragança na primeira metade do século XIX, só terá interesse se nos aparecer desagregada ao nível das freguesias, uma vez que o Município, até 1834, mantém a mesma área, mas, entre 1835 e 1855, vai alterar, por várias vezes, a

sua superfície, em função do número elevado de freguesias que perdeu e outras vezes ganhou face a outros concelhos, num processo de geometria variável que invalida ou torna muito difícil qualquer comparação no tempo. Acresce ainda o facto de a informação de natureza quantitativa, até à década de 1860, nos ser fornecida em unidades de peso e medida típicas do Antigo Regime (arrobas, arráteis, moios, canadas, etc.), ao passo que, a partir de 1870, os valores passam a ser apresentados de acordo com o sistema métrico, entretanto adotado, o que levanta não poucas dúvidas quando se procura fazer a conversão dos mesmos.

Em terceiro lugar, importa referir que os meios utilizados para a obtenção das informações de natureza económica, mesmo para a segunda metade do século XIX, eram rudimentares, devendo ser lidos como uma ordem de grandeza e não como uma notação estatística rigorosa. Vejam-se, a título de exemplo, nos primeiros censos da população efetuados a partir de 1864, as omissões e erros detetados, ou as próprias observações de Rodrigo Morais Soares ao recenseamento dos gados de 1870, sustentando que os resultados obtidos estariam 20 a 25% abaixo do seu real número. Ou a discrepância do número de cabeças de gado existentes no Concelho de Bragança entre 1869 e 1870, que apresentamos no capítulo relativo à economia. Torna-se, assim, necessário olhar para os números que apresentamos quanto ao século XIX com sentido crítico e algumas reservas.

Em último lugar, mas de não somenos importância, o prazo estabelecido pela Câmara Municipal de Bragança para a realização deste projeto de investigação, reduzido face a alguns dos imponderáveis referidos e à necessidade de se consultarem os arquivos e bibliotecas nacionais, para além dos existentes nesta Cidade, nomeadamente o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Arquivo Histórico Militar, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Pública Municipal do Porto. E ainda a limitação do número de páginas quanto à edição desta obra, o que nos obrigou a reduzir o desenvolvimento de alguns dos temas abordados.

Esta obra encontra-se dividida em 11 partes ou capítulos.

Na primeira, apresentamos *a paisagem rural de Bragança* nos séculos XIX e XX, tendo como principal responsável Carlos Aguiar.

Na segunda, abordamos *a evolução administrativa e organização do poder municipal* em Bragança, entre 1820-2012, por Fernando de Sousa, Sónia Neves e Paula Barros.

As estruturas e comportamentos demográficos do Município de Bragança, para os mesmos anos, pertencem a Maria João Guardado Moreira e a Maria da Conceição Salgado.

As estruturas económicas e sua lenta transformação são da responsabilidade de Francisco Cepeda, Fernando de Sousa, Maria da Graça Martins, Adérito Branco, Joana Martins e Ricardo Rocha.

A sociedade, cultura e quotidianos da Bragança Contemporânea foi estudada por José Monteiro.

O clero e a Igreja em Bragança fica a dever-se a Fernando de Sousa, Sónia Neves e Ricardo Rocha.

A presença militar em Bragança é da autoria de Rosa Cadime e Fernando de Sousa.

Os elementos para a história cerimonial público em Bragança foram analisados por Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves.

A educação e cultura em Bragança tiveram como principais autores Henrique Ferreira, Fernando de Sousa e Bruno Rodrigues.

A imprensa periódica de Bragança coube a César Urbino e Fernando de Sousa.

Os acontecimentos políticos em Bragança ficaram a dever-se à investigação de Fernando de Sousa, Sónia Neves, Joana Martins, Diogo Ferreira, Paula Barros, Paulo Amorim, Bruno Rodrigues e Ricardo Rocha.

As transformações do espaço urbano em Bragança são da responsabilidade de Luís Alexandre Rodrigues, Natália Marinho Ferreira-Alves e Fernando de Sousa.

As relações de Bragança com a Espanha pertencem a Maria da Graça Martins, Francisco Cepeda e Fernando de Sousa.

Finalmente, *os desafios de Bragança na transição e início de milénio* couberam ao engenheiro Jorge Nunes.

A apresentação da *Cronologia* e a organização das *Fontes e Bibliografia* são de Cátia Ferreira, Diogo Ferreira, Joana Martins, Paula Barros, Paulo Amorim e Ricardo Rocha.

Os resumos em inglês e espanhol foram produzidos, respetivamente, por Ricardo Rocha e Virginia Martín Jiménez.

As notas sobre os autores e colaboradores, onde se dá, com mais rigor, “o seu a seu dono” quanto a esta obra, foram compilados por Joana Martins e Paula Barros.



Cidadela de Bragança, com a Torre de Menagem e a Igreja de Santa Maria em evidência

O índice analítico foi da responsabilidade de Joana Martins e Ricardo Rocha.

O tratamento gráfico da obra, de José Miguel Reis, teve ainda a colaboração de Diana Vila Pouca e Ricardo Rocha.

Embora referenciando os principais autores de cada um dos capítulos deste trabalho, a verdade é que a *Bragança na Época Contemporânea* é uma obra coletiva da equipa de investigação do CEPES – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, à qual todos os autores, para além de privilegiarem e tratarem os capítulos que escreveram, tiveram oportunidade de dar achegas e sugestões para os assuntos desenvolvidos pelos outros investigadores da equipa e de procederem a uma leitura crítica do texto final.

Seja como for, enquanto coordenador da mesma, assumimos a responsabilidade dos erros e lacunas deste estudo, assim como da estrutura e metodologia adotadas.

Esperamos que esta História Contemporânea de Bragança, fruto de uma investigação profunda e rigorosa, umas vezes mais erudita, outras vezes mais irónica e até provocativa, obrigatoriamente incompleta – muitos dos temas que aqui tratamos dariam teses de doutoramento –, permita um conhecimento mais profundo do seu passado mais recente, uma melhor compreensão do presente e sirva de inspiração, porventura, de referência para o futuro, e que possa vir a ser ultrapassada por outros estudos que inevitavelmente continuarão a surgir sobre esta mítica e renovada Cidade trasmontana, o que seria para todos nós motivo de agrado e satisfação.

Resta-nos agradecer a todas as instituições que nos facultaram a consulta dos fundos documentais e bibliográficos, na pessoa dos diretores ou responsáveis das mesmas: Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Arquivo Histórico Militar; Arquivo Distrital de Bragança; Arquivo Municipal de Bragança; Arquivo da Universidade de Coimbra; Biblioteca Nacional; Biblioteca Municipal do Porto; Espólio Fotográfico Português; Fundação “Os Nossos Livros”; Museu Abade de Baçal; e Entidade Reguladora da Comunicação Social.

Ao CEPES – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, por todo o apoio que concedeu à produção desta obra.

Aos doutores Hírdino Fernandes, Miguel Abrunhosa, Clara André Machaqueiro e Sandra Canteiro, e ao arquiteto Mário Doutel, pela colaboração prestada.

Finalmente, à Câmara Municipal de Bragança, na pessoa do seu Presidente, engenheiro Jorge Nunes, pela forma exemplar como promoveu e apoiou este projeto de investigação.



ADÉRITO BRANCO ANTÓNIO JORGE NUNES BRUNO RODRIGUES CARLOS AGUIAR CÁTIA FERREIRA CÉSAR URBINO DIANA VILA
POUCA DIOGO FERREIRA FERNANDO DE SOUSA FRANCISCO CEPEDA HENRIQUE FERREIRA JOANA MARTINS JOAQUIM JAIME B.
FERREIRA-ALVES JOSÉ MONTEIRO LUÍS ALEXANDRE RODRIGUES MARIA DA CONCEIÇÃO SALGADO MARIA DA GRAÇA MARTINS
MARIA JOÃO GUARDADO MOREIRA NATÁLIA MARINHO FERREIRA-ALVES NUNO MATIAS PAULA BARROS PAULO AMORIM
RICARDO ROCHA ROSA CADIME SÓNIA NEVES VIRGINIA MARTÍN JIMÉNEZ

